

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Maria Clara de Magalhães Amorim

**Professor-artista: reflexões acerca da experiência e trajetória de uma
professora em formação.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção de título de
Graduado(a) em Teatro.
Orientador : Ricardo Carvalho de Figueiredo

Belo Horizonte

2015

Resumo: O presente artigo pretende levantar reflexões pautadas na experiência e trajetória do percurso acadêmico de uma professora em formação sobre a nomenclatura professor-artista e suas possíveis compreensões. Afim de fomentar o tema, buscando promover pontos de vista possíveis de atuação pedagógica e formação desse sujeito dentro da academia. Para isso foram realizadas entrevistas com alunos do curso de teatro da UFMG (bacharelado em interpretação teatral e licenciatura) para compreender como e se o termo professor-artista é difundido e/ou problematizado dentro do currículo da graduação. Verificou-se que para muitos entrevistados o termo era desconhecido e que a concepção de que o professor de teatro é artista por promover processos criativos na escola ainda não faz parte das discussões do referido curso de graduação.

Palavras chave: professor-artista, docência, formação.

Abstract: The present article aims to lift guided reflections on the experience and academic trajectory of one teacher in process about the nomenclature "teacher-artist" and their understandings. In order to foster the subject, expecting to promote possible points of views about the bloke pedagogical operation and formation inside of the academy. For this were realized interviews with students of the UFMG Theatre course (bachelor of theatrical interpretation and degree) to understand how and if the term "teacher-artist " is broadcast and / or questioned inside of the grid. For many interviewers the term was unknown and their conception: "The teacher of theater is an artist by promote creative process at the school" does not make part of the discussions inside course of graduation.

Key words: Teacher -Artist, Teaching, Academic Formation.

Introdução

Coordenamos ou criamos arte? Ou coordenamos uma construção de conhecimentos? Somos artistas, animadores, artistas professores, professores artistas ou simplesmente professores? Nós usamos arte, ensinamos arte ou fazemos arte?
Arão Paranaguá de Santana

Professor-artista, artista-docente, professor, artista. Palavras, funções, questionamentos. Reflexões que vieram a tona no fim de 2014, coincidentemente, momento em que findava a minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, fase em que eu escrevia meu projeto de pesquisa. Diferentes interrogações com relação a esses conceitos pairavam em minha mente feito nuvem quando conclui minha jornada de um ano no PIBID. Diante dessas inquietações aproveitei esse meu momento para aprofundar por meio desse trabalho de conclusão de curso nos padrões e conceitos atribuídos a essas funções.

Em uma das manhãs em que Brecht nos dava liberdade de ocupar novos espaços foi que eu tive o primeiro estalo. *“Vocês pensam que quando estiverem lá fora (se referindo ao mercado) o que vocês estudarem lá (se referindo à Faculdade de Educação) é que vai fazer diferença? Não, é o que vocês vivenciam aqui ” (se referindo à Escola de Belas Artes)*¹. Sentada em um dos degraus do piscinão², de súbito eu tive um pouco de... raiva não seria o melhor adjetivo, embora talvez expressasse bem o que senti naquele instante. Mas na hora do susto eu senti um peso que ainda não havia experimentado. Um tempo depois pude perceber que a confusão do sentimento e a raiva advinham do “tempo perdido” na Faculdade de Educação, já que o importante mesmo era o que eu aprendia ali, na Escola de Belas Artes.

Essa foi a primeira conclusão que fiz depois de passado alguns minutos. E no segundo próximo já pude perceber como essa intervenção soava muito generalista e de repente até um pouco extremista demais para um discurso

¹ Fala do professor de bacharelado durante a disciplina Atuação Cênica B cursada em 2013/2.

² “Piscinão” localiza-se no hall central do prédio da Escola de Belas Artes, área de comum convívio dos estudantes da mesma.

acadêmico. Ouso dizer que esse momento pode ter sido um divisor de águas na minha graduação. Depois desse ocorrido comecei a realmente refletir e pesar as importâncias das disciplinas que eu fazia e já havia feito na Faculdade de Educação e as disciplinas cursadas e em curso na Escola de Belas Artes. Como se falássemos de cursos diferentes ao se referir às unidades acadêmicas distintas, quando na verdade tudo faz parte de um mesmo curso, a graduação em Licenciatura em Teatro.

A verdade é que essa divisão de instâncias me incomodou. Me desconfortou esse fato de alunos e sociedade acadêmica no geral rotularem o ensino do fazer pedagógico responsabilidade única da Faculdade de Educação, quando penso que, a Licenciatura em Teatro é algo muito mais específico. Todas essas reflexões começaram a vir à tona durante minha trajetória pelo curso depois do acontecimento citado. Acredito que ali o susto tenha sido grande, já que o autor da ação por ser docente de uma instituição que pesquisa Artes, “deveria” valorizar em igual proporção o fazer artístico, incluindo, assim, pesquisa, arte e docência (STRAZZACAPPA, 2014).

Quando então em 2014 mergulhei no ato de ser professora percebi com base nos comportamentos dos meus alunos e também dos meus colegas graduandos, que existe uma segmentação sólida entre a função dos professores de teatro e a dos artistas de teatro. O fato é que, equivocadamente, tanto profissionais da área quanto leigos reconhecem no ator o mérito artístico e o desconhecem no professor de teatro. Como se o trabalho artístico do educador de teatro fosse menos importante do que o do profissional que se denomina exclusivamente artista. Essas visões demonstram quão incompreendido pode ser o trabalho do professor de teatro, e talvez, devido a isso, a grande maioria dos graduandos em Teatro opte por outro caminho que não a licenciatura.

O que me interessa nesse trabalho, é a valorização do professor de teatro e o reconhecimento dele também como artista, em âmbito geral, tanto para leigos quanto para profissionais da área. Proponho então o uso da terminologia professor-artista no cotidiano tanto de artistas quanto de professores de teatro, quando se referirem ao docente que leciona artes.

Entretanto, não discutirei sobre outras possíveis interpretações que possam haver da terminologia, apenas articularei no que se entende do conceito: um sujeito que cria junto, dialogando com aluno, arte e escola, sem distanciar o fazer artístico da responsabilidade pedagógica. Inibindo assim o preconceito com o teatro na escola, que acaba sendo fortalecido por profissionais que disputam o mercado e tratam de caracterizar o trabalho do professor-artista como inferior ao do artista, como se o compromisso com a formação do sujeito compromettesse as qualidades artísticas do processo (DEBORTOLI, s/d).

Professor-artista, professor e artista, artista-docente

Optando primeiro por cursar a graduação em Licenciatura Teatral na Universidade Federal de Minas Gerais, porém frequentando simultaneamente disciplinas do Bacharelado em Teatro³, noto nesse meu caminho diferentes visões com relação a ambos os segmentos, que com o passar do tempo começaram a me inquietar. Alguns enxergam a licenciatura como um “diploma segurança” ou segunda opção no caso de “se nada der certo”, outros não enxergam no professor o fazer artístico do educador enquanto artista de teatro, que cria e propõe em sala de aula. Eu me incluía no primeiro grupo até meados do 3º período da graduação em Teatro⁴, iludida pelo fato de que, por pior que seja, a carreira de professor é mais estável do que a do artista, acreditando que dado esse fato há alguma garantia de sobrevivência mais digna (MARQUES, 2011).

A verdade é que essa segmentação de funções entre professor de teatro e artista me incomodou. Penso que só se aprende ou ensina arte, fazendo arte. Então, qual é a lógica desse pensamento? Ser professor de teatro é também ser artista, porque a responsabilidade pedagógica não isenta a existência de um processo artístico criativo em sala de aula, em que professores e alunos trabalham em conjunto como construtores plenos de uma ação teatral diária. “É certo que o ambiente escolar implica em algumas

³ Como a Integração Curricular exige uma carga horária mínima de optativas, eu optei por cursar nesse núcleo específico as disciplinas obrigatórias do percurso curricular da modalidade do bacharelado. Cursando assim as disciplinas obrigatórias das duas modalidades, Licenciatura e Bacharelado.

⁴ Momento acadêmico em que opta-se por qual modalidade (Licenciatura ou Bacharel em Interpretação) seguir na graduação em Teatro.

limitações que não são encontradas em espaços designados somente para práticas artísticas.” (DEBORTOLI, s/d, p.92) E na grande maioria das vezes a limitação se impõe perante o processo criativo que é incessantemente sacrificado em prol do produto que precisa ser apresentado como um resultado, que “deveria” garantir e representar o trabalho que é feito em sala de aula. Muitas vezes obrigando que o professor de teatro se coloque muito mais na posição de diretor da situação do que de construtor juntamente com o coletivo. Nesses casos vale lembrar que, na arte, essa política sistemática em que o certificado do conhecimento e aprendizagem se garante em forma de trabalho escrito ou prova, apresentação de montagem, pintura ou apresentação musical, não acontece assim pragmaticamente dessa maneira organizada. Talvez seja um equívoco acreditar que é possível usar os mesmos parâmetros metodológicos para diferentes formas de se produzir conhecimento (STRAZZACAPPA, 2014).

O teatro não obedece essa ordenação metodológica, o teatro acontece, e acontece muitas vezes em sala de aula, durante o dito processo. Na arte processo também é produto. Nossa arte nos permite existir, refletir e acontecer nesse momento presente, e quando ela acontece não há a necessidade de um produto que represente esse acontecimento como prova de que o trabalho artístico está sendo feito em sala de aula. Tampouco são necessárias encenações comemorativas do calendário cívico como uma confirmação da capacidade artística dos alunos para os pais e demais integrantes da escola, num exibicionismo barato.

Vale dizer que com essa reflexão não tenho a intenção de diminuir o ofício ou capacidade do professor que trabalha dessa forma, dirigindo espetáculo e focado no produto teatral. E vale ainda ressaltar que esse modelo não elimina a porção de professor-artista que ele carrega, há um tanto de professor-artista no professor diretor, e vice versa, afinal o ato de dirigir também requer um olhar pedagógico que não é visto como uma atividade “paralela” à prática cênica (MARTINS, 2002). Com essa contemplação apenas quero endossar o pensamento de que a docência carrega consigo grande potencialidade do fazer artístico que pode estar sendo ignorado ou desvalorizado por convenções sistemáticas ou sociais.

Desconforta-me ainda o fato de alunos e sociedade acadêmica no geral rotularem o ensino do fazer pedagógico responsabilidade única da Faculdade de Educação, uma vez que, para mim a Licenciatura em Teatro, assim como em música, dança e artes visuais carrega uma singularidade distinta e não deve ser tratada como as demais Licenciaturas, “é necessário considerar o fato de que as práticas pedagógicas não são isoladas e que correspondem ao campo epistemológico no qual a profissão se insere” (COSTA, 2009, p.44). O ensino da arte para mim se caracteriza muito mais como prática do ato de fazer arte, não tendo assim essa característica pragmática das demais licenciaturas.

Portanto assim como Marques, “meu questionamento central é se o professor não poderia também atuar como artista e o artista como professor *numa mesma atividade*, seja ela artística ou docente” (2011, p.67). Trago isso como um dos pontos principais aqui propostos uma vez que percebo que a tendência natural tanto do futuro docente, quanto de quem está entrando no mercado de trabalho em busca de estabilidade financeira é dissociar a arte e pedagogia. O que é compreensível uma vez que a metodologia dicotômica da academia nos trilha para esse caminho. As reflexões aqui sugeridas aparecem como forma de questionar os preconceitos que tendem a distanciar esses dois saberes, propondo na terminologia do professor-artista um professor que desenvolve suas práticas teatrais e artísticas dentro de sala de aula em comunhão com os alunos sem se esquecer de suas responsabilidades pedagógicas com a formação do ser.

É preciso acreditar que o professor é também artista, uma vez que, acredito que não seja possível ser professor de teatro sem antes ter tido alguma experiência como artista, seja ela no palco, em aulas de iniciação, ou até mesmo indo ao teatro. Pude entender e enxergar isso melhor quando fiz minha imersão no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, eu mal sei em que momento em especial durante esse processo eu mergulhei na docência, eu só pude perceber que estava envolta dessa responsabilidade quando me via numa encruzilhada ou num beco sem saída nos momentos de aula. Eram os momentos em que me questionava “e agora o que fazer? Por que o exercício funcionou com tal turma e aqui não está

funcionando? Que variação disso eu posso criar para que o objetivo da atividade seja alcançado?”

Diante de todos esses questionamentos pude concluir que o que me repertoriava, me motivava, e me ajudava a encontrar estradas quando não havia mais saída durante minhas aulas eram as minhas experiências como artista, e principalmente como aluna no curso de graduação em Teatro. Eu instigava os meus alunos para um outro caminho em uma atividade, por que um dia me instigaram também, um dia me deram essa liberdade, a liberdade do não, mas não um não propriamente dito, um não com um porém, com reticências e eteceteras. Eu permitia a eles o privilégio do “e se?”, por que ele serviria para mim também. Quando eu ouvia essa exclamação, eu me perguntava “e se, Maria?” e essa era a abertura de criação do coletivo, ao qual eu me incluía também. O “e se?” fez conto virar rap; fez quem odiava teatro apresentar em um palco e no fim agradecer como uma das melhores experiências em vida; fez de cartas uma rádio novela; e fez dos “batuques” em sala, vinhetas de rádio. Como então ser professor sem ser artista? Como ensinar arte sem fazer arte?

Comecei a me perguntar o porquê dessa visão cultural de que professor de teatro não é artista. Eu não consigo acreditar, e tão pouco enxergar isso sendo pregado como uma regra pela instituição. E, no entanto, me parece uma regra na prática do cotidiano. O que eu quero dizer é que ao que me parece esse pensamento está fixado na cabeça de grande parte dos alunos, uma vez que historicamente o professor de artes se formava por meio do esquema conhecido por 3 + 1, isto é, o curso de bacharelado com duração de três anos e o de didática, um ano (SANTANA, 2010). A dicotomização entre “disciplinas pedagógicas e as de conteúdo específico, incrustado nesse modelo, traduziu-se numa formação em etapas e cursos diferentes, com direitos e diplomas igualmente diversos” (SANTANA, 2010, p.45) e por isso ainda hoje há essa divisão de funções, ainda que, talvez, um pouco mascarada pela falta de conhecimento histórico da construção das licenciaturas no Brasil.

Busco então entender o porquê dessa cultura que dissocia as funções, e aproveito já para fomentar a temática docente aqui tratada por meio de

pequenos diálogos com alunos da Graduação em Teatro. Uma vez que interpreto nítida a falta de conhecimento dos alunos ingressos na graduação em Teatro pelo modelo 3+1 citado anteriormente.

O futuro docente, seu pensamento e sua formação

Gosto de intitular o momento que aqui se segue de diálogos, posto que desde o início desse trabalho a ideia era fomentar a discussão sobre o tema e introduzir no cotidiano dessa comunidade artística a terminologia professor-artista. Os diálogos se constituem da seguinte forma⁵: eu apresentei a temática do meu trabalho para o aluno em questão sem defender nenhum ponto de vista, apenas instigando o meu interlocutor a encontrar possíveis definições para o termo em questão. Em seguida, faço três perguntas.

1. O que você entende da noção professor-artista?
2. Qual a melhor maneira de formar um professor-artista?
3. Você está se formando um professor- artista? Se sim, de que forma?
(direcionada a licenciandos)

A escolha dos interlocutores foi basicamente um recorte temporal dos alunos que ingressaram à Universidade logo após a minha entrada. Ou seja, graduandos que entraram no primeiro semestre de 2012. Essa escolha se justifica dado ao fato de que grande agente motivador e responsável por maioria dos questionamentos aqui expostos serem despertados durante a minha trajetória dentro da academia. Busco então pesquisar pessoas que também construíram seus caminhos acadêmicos temporariamente próximos de mim. Obviamente a maioria deles trilhou caminhos muito diferentes dos meus já que em quase sua totalidade a turma se forma na modalidade do Bacharelado, e apenas quatro dos “entrevistados” estão cursando Licenciatura, salvo alguns que buscam fazer as duas modalidades juntas, entretanto, ainda assim optaram primeiro pelo Bacharelado.

Estudo dos diálogos

⁵ Todos os diálogos foram gravados e realizados aproximadamente no período de um mês, tendo início na última semana de agosto de 2015 e finalizando a última entrevista na primeira semana de outubro de 2015.

1. O que você entende da noção professor-artista?

“Complicado... agora eu tô na duvida se entendo como professor-artista aquele que é professor mas está inserido no mercado, digo, está trabalhando de alguma outra forma que não seja só lecionar; ou o professor que é também um artista pelo fato da própria característica do trabalho. Eu não sei o que os acadêmicos dizem, mas eu entendo que os dois são.”

Interlocutor 14⁶

Já era esperado por mim que grande parte dos alunos com os quais conversei trouxessem considerações dicotômicas com relação a terminologia tratada, não porque em sua maioria são alunos do bacharelado, e sim por que percebo que a temática é pouco trabalhada e discutida dentro dessa lacuna acadêmica que nos encontramos. Sendo assim, não há troca de informações, de saberes, de pontos de vista com relação ao tema.

Quando defino “considerações dicotômicas” quero dizer que, a grande maioria parte do ponto de vista de que a noção professor-artista é constantemente entendida como uma dupla funcionalidade. Ou seja, um sujeito que exerce duas funções distintas, primeiro o de ser professor, segundo o de ser artista. O que claramente é mencionado pelo interlocutor 6 que diz, *“na verdade, estando no oitavo período eu devo dizer que não entendo nada. Porque isso pra mim até hoje não ficou claro, então pra mim falar professor-artista, é um professor, pessoa que dá aula e também é artista”*.

Como já dito, não tenho o intuito de descartar ou qualificar qualquer definição como válida ou não válida. Porém, o que da discussão me interessa, é a concepção desse sujeito como um ser uno. Às vezes eu consigo extrair dos meus interlocutores mais de um ponto de vista. Já que basicamente o primeiro pensamento é: *“faz referencia ao profissional de ensino que também tem um trabalho de criação artística, então precisa passar pelo lugar do professor, que tem uma prática avançada na criação e que traz essa criação para sala de aula”*⁷. Ou seja, a arte do artista em questão é considerada arte apenas fora da

⁶ Denominarei de Interlocutor os meus entrevistados, usando números para identifica-los.

⁷ Fala do Interlocutor 12

sala de aula. As funções pouco se atravessam, uma vez que as criações da sala de aula, pouco ou quase não são entendidas como criações artísticas; em sua maioria os interlocutores “encaram o ensino curricular de teatro uma modalidade inferior às práticas teatrais desenvolvidas fora das instituições de ensino” (DEBORTOLI, s/d, p. 92).

Dentre os outros pontos de vista que consigo captar está uma colocação bastante peculiar exposta na fala do interlocutor 5, que trás um olhar um tanto político para a nomenclatura dizendo, *“a minha visão é um pouco de um professor que tem a ver com a quebra de estrutura do sistema. Por que eu acho que essa ideia de um professor que se prende em sala de aula, na minha opinião é um pouco limitada. Eu acho que o professor-artista trás essa possibilidade de “botar” um novo lugar, de reconstituir ou de construir novamente o espaço escola, o espaço de aula (...) acho que ele está nesse lugar de propor um novo espaço de educação e uma nova forma de educação”*.

Quero entender como “nova forma de educação” talvez a metodologia do professor-artista, que por meio desse trabalho se traduz na construção de práticas teatrais onde o mesmo não atue apenas como condutor, e sim como construtor de uma ação criativa, dialógica, através da prática e aprendizagem da linguagem cênica. Dessa forma ele não apenas constrói um novo “espaço escola” ou “espaço de aula”, ele constrói uma nova cena para o ensino de arte na escola. Onde o aluno também é protagonista na troca do saber, uma vez que somos fruto de um sistema “mão única”, onde alunos apáticos ficam sentados diante de um professor, esperando receber dele todo o saber.

Nesse sentido encontro alguns interlocutores que compartilham um pouco desse pensamento unificado da nomenclatura. Uma até arrisca dizer que vê *“o professor muito como performer”*⁸ e que para ela não existe essa separação entre artista e professor. Vale ressaltar que essa aluna em especial, é filha de uma docente do ensino infantil, daí a meu ver, se justifica esse olhar diferenciado, visto que enquanto conversávamos ela sempre justificava o seu pensamento com exemplos de aulas que havia assistido da mãe.

⁸ Fala do Interlocutor 7

Alguns tentam aliar as funções definindo o termo como, *“aquele que está em sala de aula ensinando, e a arte está sendo presente, sempre no trabalho de sensibilizar o aluno à arte, ao fazer artístico”*⁹ ou *“pessoa que está na área docente e artística e que dentro de sala de aula consegue unir as duas coisas”*¹⁰. Vale destacar que ambos pensamentos foram de alunos que cursam a Licenciatura.

Houveram ainda duas colocações muito relevantes que são coerentes a linha de pensamento do trabalho. Primeiro a do Interlocutor 1, que também é licenciando, que diz acreditar que uma prática completa a outra, isto é, o fazer artístico e o fazer pedagógico se trespassam e se completam. E para finalizar esse ensaio de compreensão do que é o professor-artista, faço uso da reflexão de um bacharelado que vai um pouco além de apenas essa discussão, ele diz: *“de certa forma todo professor já é um artista né? E todo artista tinha a obrigação de ser professor, por que eu acredito muito na responsabilidade do artista em não só fazer a arte pela arte, quer dizer, às vezes sim, mas eu gosto muito daquele artista que se coloca a ensinar alguma coisa... que seja, gostar de arte. (...) talvez no meio dessa viagem toda é aquele que realmente não é um professor convencional, não é só aquele que sabe ensinar, é aquele que faz arte ensinando”*¹¹.

2. Qual a melhor maneira de formar um professor-artista?

“... uma forma que não acontece aqui (risos).”

Interlocutor 3

Duas palavras com múltiplas perspectivas definem as respostas dessa pergunta. Prática e experiência. Para alguns deve haver mais prática no sentido de o *“licenciando participar mais ativamente do curso de bacharelado”*¹², para outros a prática vêm pela perspectiva da experiência na docência. Ou seja, a prática de dar aulas, licenciar. Essa resposta na formação do professor, na interpretação dos meus interlocutores se daria academicamente com a inclusão de disciplinas direcionadas, nos projetos de

⁹ Fala do Interlocutor 2

¹⁰ Fala do Interlocutor 4

¹¹ Fala do Interlocutor 14

¹² Fala do Interlocutor 5

extensão, nas monitorias e na postura do aluno em formação dentro das escolas nos períodos de estágio. Existe uma insatisfação específica dado o fato de o graduando durante o percurso acadêmico só ter a possibilidade de experimentar a monitoria uma vez, e em apenas uma disciplina. Ao que parece acredita-se que esse possa ser um recurso complementar importante na formação do docente. Com relação aos estágios, espera-se que o aluno tenha liberdade de experimentar e se arriscar como docente nessa passagem do curso¹³. Porém é sabido e evidente que nos estágios o aluno não tem essa autonomia que lhe é misticamente atribuída quando se fala disciplina de Estágio Obrigatório.

Em primeiro lugar a escola apenas te permite adentrar a instituição, mas em sua grande maioria, para não dizer sempre a entidade/professor não te insere. Ou seja, muito pouca prática docente propriamente dita principalmente no que se diz respeito a arriscar, uma vez que, a partir do momento que ali você se integra está sujeito a também caminhar nas normas sistemáticas que ali vigoram, nota-se então que não é cabível nesse momento experimentar e se arriscar como docente, já que também esse espaço na maioria das vezes não nos é oferecido. Sem mencionar que predominantemente o estagiário acompanha a disciplina de Artes, o que não necessariamente significa acompanhar e lecionar aulas de teatro. Nesses casos busca-se encontrar formas para intercambiar as áreas. E talvez nesse contexto é que vamos poder enxergar o futuro docente como um agente que arrisca.

Por outro lado, enaltecem-se as participações em programas como o PIBID, que duram no mínimo um ano, e oferecem experiências grandiosas para os futuros docentes. Esses projetos sim, nos permitem imersão quase que absoluta no ambiente escolar nos expondo a todos os desafios da docência. Além de estabelecer ligação direta entre a formação acadêmica e o campo da prática, e a realidade do mercado. Nesse momento de fato, há liberdade para arriscar-se como docente e experimentar.

¹³ Interpretação feita a partir da resposta dos interlocutores 3, 11, 14 e 13.

Acredita-se quase consensualmente que o “*curso não capacita de forma suficiente*”¹⁴. Fica evidente a necessidade de criar laços entre a teoria e a prática, de estabelecer um diálogo mais estreito com a realidade e com as situações concretas do trabalho docente (GATTI, et. al. ,2014).

Alguns dos interlocutores levantaram pensamentos filosóficos que não apontam apenas o modelo curricular acadêmico como responsável por essa formação, e sim também o sujeito. No proposito de responsabilizar aluno e professor para a criação dos paralelos entre a prática e a teoria, afirmando que falta provocação e incentivo¹⁵. Provocar “*no sentido de refletir sobre, de criar métodos, aulas...*” (Interlocutor 2) Acho necessária e ao mesmo tempo delicada essa reflexão, uma vez que culturalmente ao longo da vida o sistema educacional nos condiciona a separar as áreas de conhecimento para então quando chegarmos a universidade nos responsabilizar em fazer essas conexões? Não isento o aluno dessa responsabilidade, o questionamento é: o sistema não conscientiza o sujeito durante a formação básica para que ele tenha ou crie essa autonomia dentro da academia, sendo assim acredito que ele é também responsável por fazer as conexões coerentes que nos convêm.

3. Você está se formando um professor- artista? Se sim, de que forma? (direcionada a licenciandos)

Dos quatro licenciandos com os quais conversei, todos afirmam buscar serem professor-artista dentro do percurso acadêmico. De que forma? “*Eu estou fazendo a minha parte da Licenciatura e puxando as disciplinas do Bacharelado*” ; “*Tentando unir a pratica teatral de quem está no palco com a pratica teatral de quem está dentro de sala de aula*” ; “*Sempre procuro unir a pratica de fora da academia com a academia*” ; “ *Eu participo de espetáculo e estou no PIBID, estou em sala de aula e estou no palco, e tento unir isso*”.

Fica claro que, nenhum deles encontra na Licenciatura os motivadores ou a fundamentação para se formar um professor-artista. O que é frágil, uma vez que se cursa a Licenciatura em Teatro. É evidente, porém talvez inconsciente, a divisão de funções que se estabelece na fala dos interlocutores.

¹⁴ Fala do Interlocutor 9

¹⁵ Fala dos interlocutores 2 e 4

Aparentemente a função professor do binômio professor-artista existe dentro da academia, o artista ou o artístico, tem de ser buscado em outras instancias. É ruim perceber que mesmo os licenciandos não conseguem enxergar no conceito do professor-artista um sujeito pedagogicamente capaz de ser criador dentro de sala de aula. Essa ideia, entretanto pode se justificar talvez pela falta de experiência na docência, já que nem todos eles tiveram a oportunidade de experimentar o lugar do ensino como docente. Posto que não podemos considerar os Estágios como uma imersão à docência, já que nesse momento não temos a autonomia para lecionar e experimentarmos a docência.

Considerações Finais

Obtive conversas com durações e efeitos díspares. Diálogos que quase não chegaram a três minutos, porém também encontros que duraram quase trinta. Em alguns, enxerguei a necessidade de falar mais sobre o tema, e no caso de licenciandos notei um desejo principalmente de compartilhar as experiências e vivências passadas como docentes em sala de aula.

Sinto que consegui provocar a reflexão em alguns alunos, percebo isso uma vez que, durante os encontros muitos repetiam para si próprios a pergunta que eu havia acabado de fazer. Como um pensamento alto, que questionava a si mesmo a pergunta em questão. Outro ocorrido é o fato de algumas vezes o aluno se contradizer em sua resposta, parar em alguns segundos de silêncio e por fim dar uma direção ao seu pensamento concluindo o raciocínio defendendo um ponto de vista. Isso atesta que ao menos o objetivo de fomentar a ideia foi alcançado.

É perceptível que o pensamento dicotômico é frequente. É um costume as concepções dos saberes serem construídas separadamente, talvez um resultado cultural ou talvez comodismo. De fato a nomenclatura levantada é pouco articulada dentro da instituição. O que não favorece o uso da mesma como método, fundamento ou alicerce para o futuro docente. Pior do que o não uso da nomenclatura é ainda perceber que nem mesmo a ideia pedagógica do termo é fomentada e proferida no percurso de formação do aluno licenciando. Volto a afirmar, agora diretamente, que é necessário discutir sobre, tratando o tema como uma concepção concreta. De forma a valorizar a profissão do

professor de teatro, permitindo que esse profissional se sinta também artista no seu ofício.

É inegável a compreensão de que a prática é imprescindível na formação do professor de teatro. Fica clara a necessidade de se repensar o modelo aplicacionista, onde a prática docente emprega-se no momento de estágio. Um dos problemas desse modelo, é a organização curricular baseada em uma lógica disciplinar, focada no conhecimento teórico e distanciada do estudo da realidade das escolas e professores (GATTI, et. al. ,2014).

É vital tanto para a universidade quanto para o aluno em formação criar conexões e paralelos entre o teórico e o prático, a docência e a arte. Porém encontrar esse espaço de correlações se faz extremamente necessário dentro da academia. Seja ele de forma a gerar oportunidades para o licenciando ou até mesmo de forma motivacional.

Referências Bibliográficas

COSTA, Rossana Perdomini Della. **Experiências de formação do professor artista: cenários de apaixonamento entre teatro e educação no curso de Graduação em Teatro: Licenciatura da FUNDARTE/UERGS**. Programa de pós-graduação em educação, Porto Alegre, 2009.

DEBORTOLI, Kamila. **Professor e artista ou professor-artista?** Programa de pós-graduação em teatro – UDESC, Santa Catarina.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho. **A aprendizagem da docência em teatro através da participação em um projeto de Extensão Universitária**. Art Research Journal / Revista de Pesquisas em Arte ABRACE, ANPAP E ANPPOM em parceria com a UFRN, v.2, n.2, jan./jun. 2015.

GAMA, Joaquim. **Produto ou processo: em qual deles estará a primazia?** Sala Preta, v.2, 2002.

GATTI, Bernardetti. et. al. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**. – São Paulo: FCC/SEP, 2014.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6ª ed.: Cortez Editora, 2011. 136 p.

MARTINS, Marcos Bulhões. **O mestre-encenador e o ator como dramaturgo**. Sala Preta, v.2, n.2, 2002.

SANTANA, Arão Paranaguá de. **Teatro e a Formação de Professores**. São Luis/ MA: Editora Edufma, 2010.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Imersões poéticas como processo de formação do artista docente**. Art Research Journal / Revista de Pesquisas em Arte ABRACE, ANPAP E ANPPOM em parceria com a UFRN, v.1/2, jul./dez. 2014.